

1º CAPACITAÇÃO

EDUCADORES ESPÍRITAS

Do Jovens Com Yvonne

COMPREENDENDO E ACOLHENDO O
AUTISMO, SUPERANDO O CAPACITISMO
E ORIENTANDO SOBRE O LUTO

JOVENS
COM
Yvonne





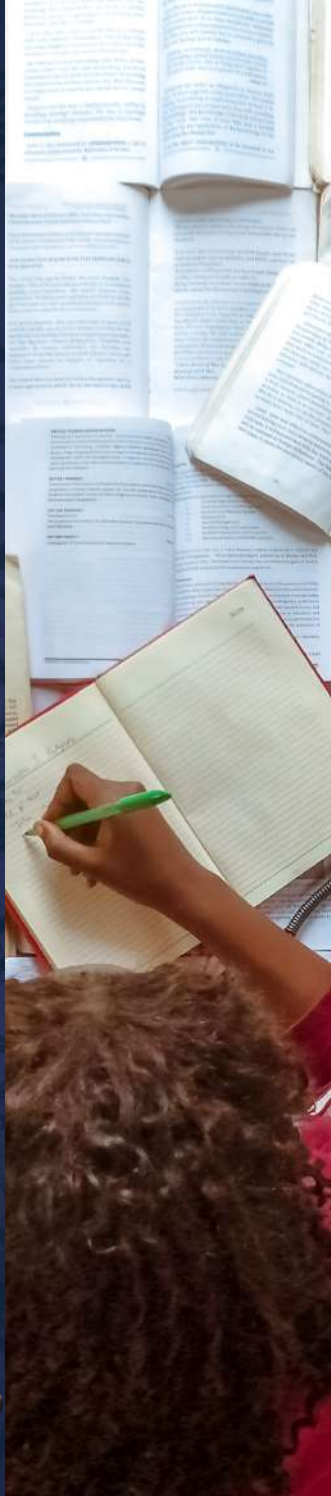
@JOVENS COM YVONNE

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO
2. PEDAGOGIA ESPÍRITA
3. AUTISMO
4. CAPACITISMO
5. LUTO
6. OFICINA PRÁTICA
7. AGRADECIMENTOS
8. NOSSA HISTÓRIA

“A educação espírita – que se baseia no ‘amor’ e na ‘instrução’, que iluminam a consciência e libertam o ser das injunções perniciosas – tem como instrumento o exemplo do educador que deve pautar a conduta pelo que ensina, superando-se em atos, de modo que as sementes de que se vale, de superior qualidade, manifestem-se em forma de paz e realização nele próprio.”

(Benedita Fernandes. In: Sublime Sementeira: Evangelização Espírita Infantojuvenil, ed. FEB, 2012, p. 111 a 113.)





Sejam bem-vindes, bem-vindas e bem-vindos ao nosso E-Book “1º **Capacitação Educadores Espíritos do Jovens Com Yvonne: Compreendendo e Acolhendo o Autismo, Superando o Capacitismo e Orientando sobre o Luto**”, uma jornada dedicada ao aprimoramento das práticas pedagógicas e evangelizadoras, com um olhar voltado para a inclusão, o respeito e o amor pelos jovens e pelas crianças que temos o privilégio de educar.

Neste evento, vamos adentrar, além de em técnicas e estratégias tradicionais de ensino, em uma jornada de reflexão profunda sobre o significado e o propósito da educação espírita. Ao longo dos nossos encontros, exploraremos não apenas como ensinar, mas também o porquê de ensinarmos, e como podemos fazer isso de uma maneira mais significativa e compassiva.



MUDANÇA DE PARADIGMA

Um dos temas centrais desta Capacitação é a reflexão sobre o uso do termo "**Evangelização**" em nossos projetos e atividades educacionais. Reconhecemos que esse termo carrega consigo uma herança histórica e cultural que nem sempre reflete os valores de inclusão, liberdade e autonomia que buscamos promover em nossos ambientes educacionais. É por isso que propomos uma mudança de paradigma, substituindo o termo "*Evangelização*" por "*Educação Espírita*". Essa mudança não é apenas uma questão semântica, mas uma afirmação de nossos valores e princípios, é um compromisso com uma abordagem mais inclusiva, respeitosa e centrada no aluno.

NOVOS HORIZONTES

Além da reflexão sobre o termo "Evangelização", nossa Capacitação também abordará outros temas fundamentais, como a Pedagogia Espírita, o acolhimento do autismo, a superação do capacitismo e a orientação sobre o luto e o consolo. Cada um desses temas nos desafia a expandir nossos horizontes e a repensar nossas práticas educacionais à luz dos princípios espíritas de amor, caridade e fraternidade.

GRANDES PENSADORES

Ao longo de nossa jornada, vamos nos inspirar nas obras de grandes pensadores, como Paulo Freire, autor de "Pedagogia do Oprimido" e "Educação como Prática da Liberdade", que nos convida a repensar o papel do educador e do educando na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Também exploraremos as contribuições de Temple Grandin, autora de "O Cérebro Autista", que nos traz uma perspectiva única sobre o autismo e nos desafia a repensar nossas práticas de acolhimento e inclusão.



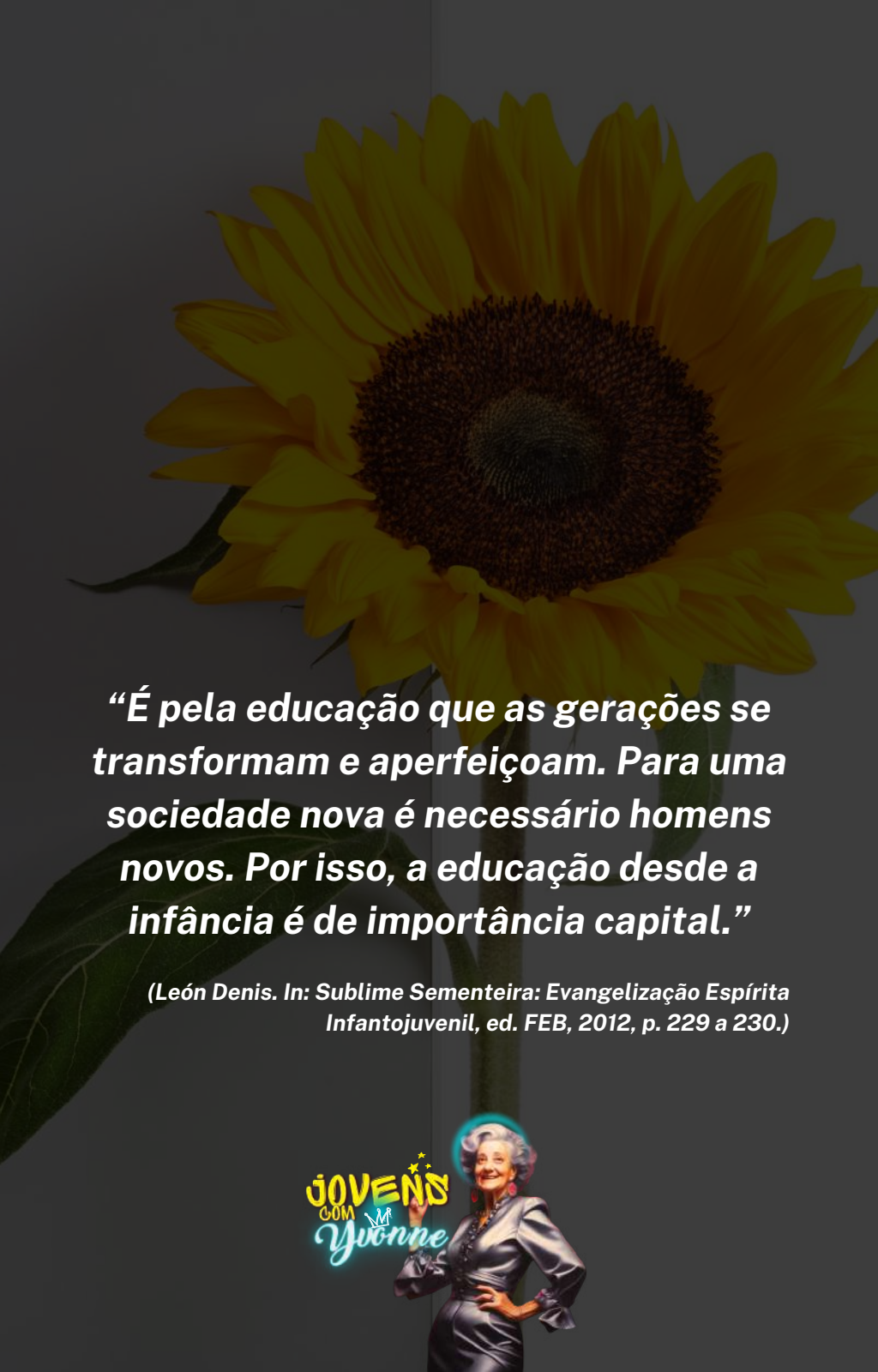
UM CONVITE À TRANSFORMAÇÃO PESSOAL E COLETIVA

Ao participar desta Capacitação, você não apenas adquirirá novos conhecimentos e novas habilidades, mas também receberá o convite para se comprometer com uma jornada de transformação pessoal e coletiva. Juntos, vamos explorar novas maneiras de educar e evangelizar, baseadas no amor, na compaixão e no respeito pela diversidade humana.

Estamos emocionados em receber você nesta jornada de reflexão e transformação, e ansiosos para compartilhar aprendizados, experiências e inspirações ao longo do caminho.

Com gratidão e entusiasmo,
Equipe Jovens com Yvonne





“É pela educação que as gerações se transformam e aperfeiçoam. Para uma sociedade nova é necessário homens novos. Por isso, a educação desde a infância é de importância capital.”

(León Denis. In: Sublime Sementeira: Evangelização Espírita Infantojuvenil, ed. FEB, 2012, p. 229 a 230.)

JOVENS
COM
Yvonne



SOBRE A AUTORA



**DORA
INCONTRI**

Jornalista, educadora e escritora. Suas áreas de atuação são Educação, Filosofia, Espiritualidade, Artes, Espiritismo. Tem mestrado, doutorado e pós-doutorado em Filosofia da Educação pela USP. É sócia-diretora da Editora Comenius e coordenadora geral da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita. Coordenadora geral da Universidade Livre Pampédia.

Tem mais de 40 livros publicados. Livros sobre Educação, Filosofia, Espiritualidade; livros didáticos; livros psicografados.

01

A PEDAGOGIA ESPÍRITA E A EVANGELIZAÇÃO

Se a Pedagogia espírita é a aplicação do espiritismo na educação, obviamente que deve ter uma proposta para a área da evangelização infantil. Estudemos aqui alguns pontos importantes a respeito do tema.

Em primeiro lugar, propomos mudar o nome de “evangelização” para “educação espírita” ou “espiritismo para crianças”. A CNBB (Confederação Nacional dos Bispos Brasileiros) está atualmente com uma campanha de “evangelização da juventude”. Não por acaso, os espíritas usam o mesmo termo que os católicos. Já analisamos diversas vezes (essa era também a postura de Herculano Pires e até antropólogos não-espíritas hoje fazem essa avaliação) que o movimento espírita no Brasil traz uma herança católica muito forte, dado o nosso caldo cultural impregnado de tradições da Igreja e pela formação jesuítica da nossa educação.

Essa herança se manifesta com toda a força no conceito e na prática da evangelização, que tem um caráter de catecismo, de doutrinação. Ou seja, prevê-se um determinado conteúdo que é preciso introjetar na criança, moldando-lhe a cabecinha.

Essa é a metodologia da educação tradicional – justamente a que a Pedagogia espírita combate: focada no conteúdo e não no educando, com métodos maçantes e passivos, onde há alguém, dono de um conhecimento, que vai transmitir conceitos prontos ao aluno, que fica passivo. Ou, o que é pior, alguém que nem o conhecimento tem e vai transmitir conceitos de uma apostila – o que Paulo Freire chamava de educação bancária, em que o professor deposita dados na cabeça do aluno.

Basta ter entendido minimamente a proposta da Pedagogia espírita para observar que a evangelização que é feita na maioria dos centros espíritas, no Brasil afora, segue o modelo católico de catequese e o modelo tradicional de educação.

O resultado prático desse modelo é que as crianças vão à evangelização obrigadas e depois de terem passado por evangelização, pré-mocidade, mocidade espírita, ao chegarem na universidade, muitas vezes, deixam de ser espíritas. Não criaram convicção, não aprenderam a pensar por si mesmas, a discutir, a argumentar.

Foram doutrinadas contra a sua vontade, e o espiritismo tornou-se uma crença postiça que quando defrontada por doutrinas materialistas ou niilistas, desmorona... Além disso, a obrigatoriedade de ir a um centro espírita assistir a uma evangelização desinteressante faz do espiritismo um remédio amargo que a criança tem de engolir quando nova, mas, quando puder, vai rejeitar em bloco tudo o que vem desta fonte.

Temos viajado pelo Brasil inteiro, conversando com pais, evangelizadores e, sobretudo, com crianças e adolescentes, e este é o quadro real da situação.

Outro aspecto negativo do termo “evangelização” é que ele ressalta apenas o aspecto religioso do espiritismo – aliás, exatamente o que aconteceu com o movimento espírita brasileiro. Esquecemos inteiramente dos aspectos científico e filosófico e, sobretudo, pedagógico, do espiritismo, para reduzi-lo a mais uma religião.



Evangelização de crianças carentes

A questão se torna ainda mais grave quando os espíritas, em bairros de periferia, entre crianças carentes, fazem um trabalho de evangelização imposta. O que é isso? Em troca de pão ou presentes para as crianças, ou de cesta básica ou sopa para a família, os “assistidos” têm de presenciar palestras espíritas, tomar passes ou participar da evangelização. Isso é pura barganha e falta de respeito à religião alheia. Então, um evangélico, um católico, um ateu, em necessidade material, precisa se submeter participar de algo em que não acredita (ou até contesta) para ser beneficiado? O pobre não tem direito de ter a sua religião?

É exatamente o que os jesuítas faziam em relação aos indígenas: sem qualquer respeito ou consideração por suas crenças, impunham o catolicismo. É o que missionários de todas as denominações evangélicas fazem ainda. Os católicos hoje, pelo menos os mais progressistas, reavaliam essa atitude, fazendo uma crítica histórica da postura anterior, e os espíritas adotam um procedimento semelhante ao passado católico, completamente contrário aos postulados de Kardec, que defendia sobretudo a liberdade de crença e de pensamento.

Qualquer trabalho social deve ser ecumênico e trabalhar valores éticos universais que estejam em todas as religiões e doutrinas.

Deve haver cuidadoso respeito às crenças alheias. O espiritismo pode ser apresentado, se houver interesse, mas sempre ao lado de outras doutrinas, na forma de estudo de religiões e filosofias, em debates abertos e participativos, seja com adultos ou crianças.

A educação focada no educando

Um dos aspectos principais da Pedagogia espírita (e não só dessa Pedagogia, mas de seus precursores, Comenius, Rousseau, Pestalozzi e de suas pedagogias irmãs, como Montessori, Paulo Freire, construtivismo etc.) é a mudança de foco do conteúdo para o educando. O importante não é um conteúdo a ser passado, mas as potencialidades a serem desenvolvidas no educando. O conteúdo é um meio, não uma finalidade. A finalidade é sempre o ser humano, sua auto-construção, o despertar de sua consciência.

Para que o conteúdo seja um meio eficaz para despertar algo no indivíduo, é preciso que ele faça sentido para o educando, que lhe diga algo. Para isto, é preciso que responda a alguma questão sua, mexa com seus anseios, com as heranças do seu passado espiritual, parta de seus interesses e fale a sua linguagem. Ou seja, o conteúdo não pode ser previamente determinado para qualquer grupo, muito menos em currículos nacionais, em apostilas que devam ser seguidas como manuais.

Primeiro, devemos conhecer os educandos. Quem são eles? Que Espíritos estão diante do educador? Que tendências trazem? Que interesse têm? Como despertar neles um élan de aprendizagem, uma busca por espiritualidade, ou cultivar o que já apresentam nesse sentido? O educador deve ser antes de tudo um observador atento dos alunos. Para isso, é preciso lucidez, sensibilidade, conhecimento do ser humano e, sobretudo, amor – que é a porta de abertura para o outro.

Então, poderemos fazer projetos de pesquisa, debates, estudos individuais e coletivos, encenações, produções artísticas, a partir de temas e questões propostas pelas crianças ou pelo educador, mas que os alunos aceitem, gostem e se interessem. O que é imposto não se engole. Portanto, cada educador, cada centro, cada local poderá fazer seu próprio plano de trabalho – com a ajuda e a participação das crianças.

Estaremos assim enxergando e respeitando o educando como um ser reencarnado, que já traz seus interesses, suas contribuições, e não estaremos tratando a criança de forma paternalista e autoritária.

Livros, filmes, *internet*, poemas, peças de teatro, músicas, pinturas, tudo deve ser disponibilizado para educadores e educandos como meios de pesquisa, produção, debate e aprendizado.



E os educandos, por sua vez, também devem produzir, fazer, mostrar suas potencialidades através da ação.

Naturalmente, o argumento que se usa em toda a parte, como negação de uma metodologia mais livre, baseada no interesse da criança e na sua participação, é a falta de preparo dos evangelizadores. Ocorre que realmente um educador não se improvisa. Devemos preparar pessoas seguras e capacitadas para fazer isso. Caso contrário, estaremos trabalhando contra o próprio espiritismo, entregando as novas gerações a pessoas apenas de boa vontade, mas que não têm a mínima noção do que é educação, de como lidar com uma criança. Na cabeça dos educandos, o espiritismo ficará associado à incompetência dos evangelizadores (não dizemos educadores, porque o educador sabe o que faz); e, assim como se criaram gerações inteiras revoltadas contra o Catolicismo, por causa da catequese e dos colégios católicos, formaremos gerações que repelem o espiritismo como algo dogmático.

Formação de grupos de estudos

Por esses motivos, temos incentivado no Brasil inteiro a formação de grupos de estudos da Pedagogia Espírita. Devem ser grupos livres, que podem reunir pessoas de diferentes instituições e até não espíritas, que podem ocorrer num centro espírita que ceda seu espaço ou que podem ser feitos de forma itinerante (cada encontro num centro) ou que podem se dar na casa de alguém...

O importante é que esse grupo funcione dentro dos princípios da Pedagogia Espírita: sem hierarquias e com dinamismo, participação de todos, pesquisa, debates, leituras e com a discussão de propostas práticas. Esses grupos poderão produzir artigos, textos e material de aplicação prática que sejam socializados com outros grupos no Brasil.

As crianças e a mediunidade

A fonte mais forte de convicção espírita é justamente a mediunidade. Porque sabemos (e não cremos) que somos imortais? Porque experimentamos o contato com o mundo espiritual, numa vivência individual e coletiva importante. Ora, cada vez mais os espíritas se veem afastados da mediunidade porque estão se criando verdadeiros tabus em relação à vivência mediúnica.

Crianças, adolescentes e jovens jamais veem reuniões mediúnicas; para ser médium, a pessoa tem de fazer no mínimo 10 anos de curso. Ou seja, estamos tornando a mediunidade algo iniciático, bem ao contrário do que propunha Kardec, que a considerava algo natural, fazendo parte do cotidiano e podendo ser praticada por qualquer pessoa ou grupo, com o estudo atento, mas livre, de **O Livro dos Médiuns**.

O exílio da criança e do adolescente da mediunidade cria o mistério, o medo e, sobretudo, impede a convicção da imortalidade.

Segundo Kardec, a mediunidade deve ser estudada seriamente, praticada com finalidades úteis e éticas, mas é um fenômeno natural. Crianças têm mediunidade espontânea, e é claro – é uma questão de bom senso – que não vamos colocar crianças numa mesa mediúnica para receber obsessores, mas elas podem ver, sim, se devidamente preparadas. Já os adolescentes, se maduros, vocacionados e estudiosos do espiritismo – como vemos muitos pelo Brasil Inteiro – poderão já trabalhar mediunicamente, como Ermance Dufaux, que iniciou aos 12 e aos 17 já era uma das colaboradoras principais de Kardec; ou como as meninas Boudin, que receberam a maior parte de **O Livro dos Espíritos**, aos 14 e 16 anos.



A mediunidade surge, estoura, e então deve ser trabalhada, educada. Mas não se pode freá-la, sob pena de causar grande perturbação no médium.

A criança de família espírita deve ser aproximada suavemente, naturalmente, do fenômeno mediúnico, com todas as explicações e contextualização, para que ela cresça sabendo que o intercâmbio entre os dois mundos é algo corriqueiro e normal, sem terrores e mistérios.

OBJETIVOS

Veja os objetivos que a educação espírita para crianças e adolescentes deve ter no centro espírita:

- Despertar o espírito crítico e a capacidade de pensar por si mesmo (para isso é preciso conhecer o espiritismo e outras religiões e doutrinas, pesquisando e debatendo);
- Sensibilizar esteticamente para harmonizar a alma e tocar o coração (para isso, é preciso usar todas as artes – a música, as artes plásticas, o teatro, a poesia, o cinema etc.);
- Formar a convicção da imortalidade (para isso, é preciso conhecer, estudar e ter contato com o fenômeno mediúnico);
- Despertar valores morais, formando o homem de bem (isso só se faz pelo contágio de bons exemplos – vivos ou de grandes personalidades, mas sobretudo pela prática, por isso a criança e o adolescente devem fazer parte das atividades solidárias do centro).

“Como sábio mestre, Ele espera que os Seus aprendizes se resolvam por segui-LO, tomando da charrua e não mais olhando para trás, já que o campo íntimo a joeirar é muito grande e a sementeira faz-se desafiadora.”

(Joanna de Ângelis. In: Sublime Sementeira: Evangelização Espírita Infantojuvenil, ed. FEB, 2ª. ed., 2018.)



SOBRE O AUTOR



**GUILHERME
FRAENKEL**

Educador espírita, facilitador de cursos sobre a doutrina, palestrante e coordenador do departamento de educação espírita para crianças e jovens na Casa Espírita Cristã Maria de Nazaré no Rio de Janeiro; é analista de sistemas, constelador familiar, psicanalista em formação, poeta e escritor inquieto. Acredita na importância da postura autoral e autônoma no processo de construção da felicidade, algo que deve ser realizado de maneira relacional, fraterna e solidária. Defende a família e os coletivos como espaços relacionais essenciais para o amadurecimento do espírito encarnado e acredita na paz como a consequência da total aceitação de si e do outro como sujeitos singulares e capazes de atingir a felicidade.

SOBRE A AUTORA



**ROSEMARY
FRAENKEL**

Pedagogia (Universidade Santa Úrsula)
Psicopedagogia (Universidade Cândido Mendes/AVM)
Intervenção ABA para Autismos e deficiência intelectual
(Universidade Cândido Mendes/ CBI Of Miami)
Coordenadora do Serviço de Convivência e
Fortalecimento de Vínculos para crianças e adolescentes
na faixa etária de 4 a 14 anos da Casa Espírita Cristã
Maria de Nazaré na comunidade da Rocinha- RJ.
Evangelizadora Infanto-Juvenil a mais de 30 anos na Casa
Maria de Nazaré. Co-coordenadora do departamento
infanto/juvenil da Casa Maria de Nazaré.



02

ENTENDENDO O AUTISMO

Definição de autismo (Transtorno do Espectro Autista - TEA)

Transtorno de nascença do neurodesenvolvimento caracterizado por déficit na comunicação e na interação social, com evidências sintomáticas a partir dos 12 meses de vida.

Apresenta comportamentos repetitivos (estereotipias) e repertório restrito e individual de interesses e atividades.

Níveis de apresentação do autismo

Grau 1 (leve) – É aquele com a necessidade de um mínimo de apoio.

Grau 2 (moderado) – Precisa de suporte, mas pode ser treinado.

Grau 3 (severo) – Necessita de suporte para viver. Deve ter alguém para ajudar o tempo todo.

O sujeito pode migrar de um nível para outro conforme o apoio que receba ao longo de sua vida.

Causas:

- Não há causa clara para o TEA, embora acredite-se ser um transtorno de múltiplas causas conjugadas.
- Pesquisas indicam uma relação entre fatores genéticos e ambientais.
- O espiritismo aponta a possibilidade de causas espirituais diversas.

Diagnóstico:

Realizado através de avaliação multidisciplinar que considera comunicação/interação social e comportamento do sujeito.

Sinais de autismo:

- Uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos
- Estereotipias
- Inabilidade social
- Atraso ou ausência de fala
- Hipersensibilidade a sons
- Dificuldade de sair da rotina
- Riso ou choro inapropriado
- Falta de noção de perigo
- Hiperatividade
- Passividade
- Hiper ou hipossensibilidade ao toque
- Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais

- Interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente (indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheiro ou toque em objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento)
- Falta de contato com os olhos
- Anda nas pontas dos pés

Observa-se que:

1 - Alguns sintomas são percebidos em demandas sociais que excedam as capacidades limitadas do sujeito.

2 - Alguns sintomas podem ser mascarados por estratégias aprendidas mais tarde na vida.

3 - Pessoas com autismo podem apresentar deficiência cognitiva significativa, embora alguns apresentem QIs acima da média.

Ocorrência

- Incidência de 1 em 54 crianças de 8 anos nos EUA em 2016.
- Mais incidência entre os meninos (4 para 1).
- Nos últimos anos percebe-se o aumento da incidência do autismo em todas as classes sociais.





Crise de birra

É bastante comum em pessoas com autismo. Outros nomes: acesso disruptivo, crise de birra, crise de desorganização.

Estas crises constituem os desafios mais complicados na vida dos familiares e profissionais que convivem com pessoas com autismo, pois são muito difíceis de controlar ou contornar e podem vir acompanhados de comportamentos de agressão contra as pessoas que os cercam e de agressão a si próprios, como bater a cabeça na parede e se morder.

Há gatilhos diversos, tais como querer acessar itens ou fugir de alguma atividade incômoda.

As crises podem surgir no encontro da necessidade de comunicar-se com a dificuldade de realizá-la.

Na ausência da capacidade de se expressar adequadamente pela fala, a crise passa a ser um comunicante, especialmente de duas mensagens: “Eu quero alguma coisa” ou “Eu NÃO quero alguma coisa”.

A birra termina quando o objetivo é atendido.

Estereotipia

Esses atos são, para a pessoa com TEA, um meio para se acalmar, se autorregular, controlar as próprias emoções. Liberta a tensão e faz a pessoa com TEA sentir-se mais calma. Podem ser também movimentos que lhes causam prazer.

Comportamento inadequado, não habitual, não convencional.

Flapping (agitar de mãos para baixo e para cima, dobrando os punhos).

Balanço do tronco para frente e para trás.

Uso de objetos de modo não convencional.

Ecolalia (repetir frases vistas em desenhos, filmes ou por outras pessoas).

Uso de frases idiossincráticas (composições completamente distintas de como se constroem frases normalmente, com uma carga pessoal muito particular, sem atender às funções inerentes da fala).

Desafios da fala:

Não fala, mas se comunica.

Fala, mas não se comunica.

Fala em momento inapropriado.

Não pode processar muitas informações simultaneamente.

Processa as informações de forma sequencial.

Abordagem

- Trabalhar o concreto.
- Falado de forma pausada.
- Evitar sequências longas de instruções e informações.

Comorbidade comuns em autistas:

- Epilepsia
- Distúrbio do sono
- Transtorno de atenção e hiperatividade – TDAH
- Ansiedade
- Estereotipia
- Comportamento infrator
- Deficiência Intelectual
- Deficiência Auditiva
- Apraxia (incapacidade para realizar tarefas que exijam recordar padrões ou sequências de movimento)





Recomendações aos evangelizadores:

R1 - Presença de mediador para desenvolvimento das atividades, conforme o grau do TEA.

R2 - Acolhimento com amor.

R3 - Diálogo com pais e responsáveis sobre o manejo (identificar estereotípias comuns, limites relacionais, preferências, gostos).

R4 - Usar placas de identificação no ambiente (ex.: banheiro, salas, cantinho da leitura, etc).

R5 - Apresentar os espaços ao autista.

R6 - Descobrir e enfatizar os pontos fortes do autista.

R7 - Estabelecer rotina e registrá-las (uso de quadro com figuras).

R8 - Respeitar cada sujeito em sua singularidade.

R9 - Cantinho da paz (usado para autorregulação).

R10 - Acolhimento da família.

O Autismo na casa espírita

Este é um bom desafio a ser pensado, que passa por múltiplas dimensões e que não se restringe apenas aos autistas, mas que, pela quantidade de ocorrências, vem se tornando foco de atenção.

Níveis de ação da casa espírita

N1 - Conscientização/sensibilização de trabalhadores.

N2 - Conscientização/sensibilização do público.

N3 - Acolhimento dos familiares.

N4 - Acolhimento do sujeito.

N5 - Apoio à sociedade.

N6 - Participação em meios especializados.

Ações importantes

A1 - Geração de materiais de conscientização sobre o tema.

A2 - Geração de materiais de orientação sobre o tema.

A3 - Trabalho em rede (identificar, criar, divulgar e participar de redes espíritas de apoio).

A4 - Desenvolvimento de técnicas especializadas para divulgação doutrinária (reunião pública,

evangelização...).

A5 - Desenvolvimento de técnicas especializadas de acolhimento (como receber o autista dentro da casa espírita? Do que ele precisa? Como criar um ambiente seguro para ele? etc.).

A6 - Desenvolvimento de canais especializados para atendimento mediúnico (passe de tratamento, passe de reunião pública, irradiação, atendimento a espíritos sofredores).

A7 - Oferta de capacitação na rede espírita de atendimento.

A8 - Abertura de frentes de trabalho especializadas para acolhimento (evangelização, tratamento espiritual, reunião pública...).

A9 - Abertura de postos de trabalho para autistas (evangelização, tratamento espiritual, reunião pública...).

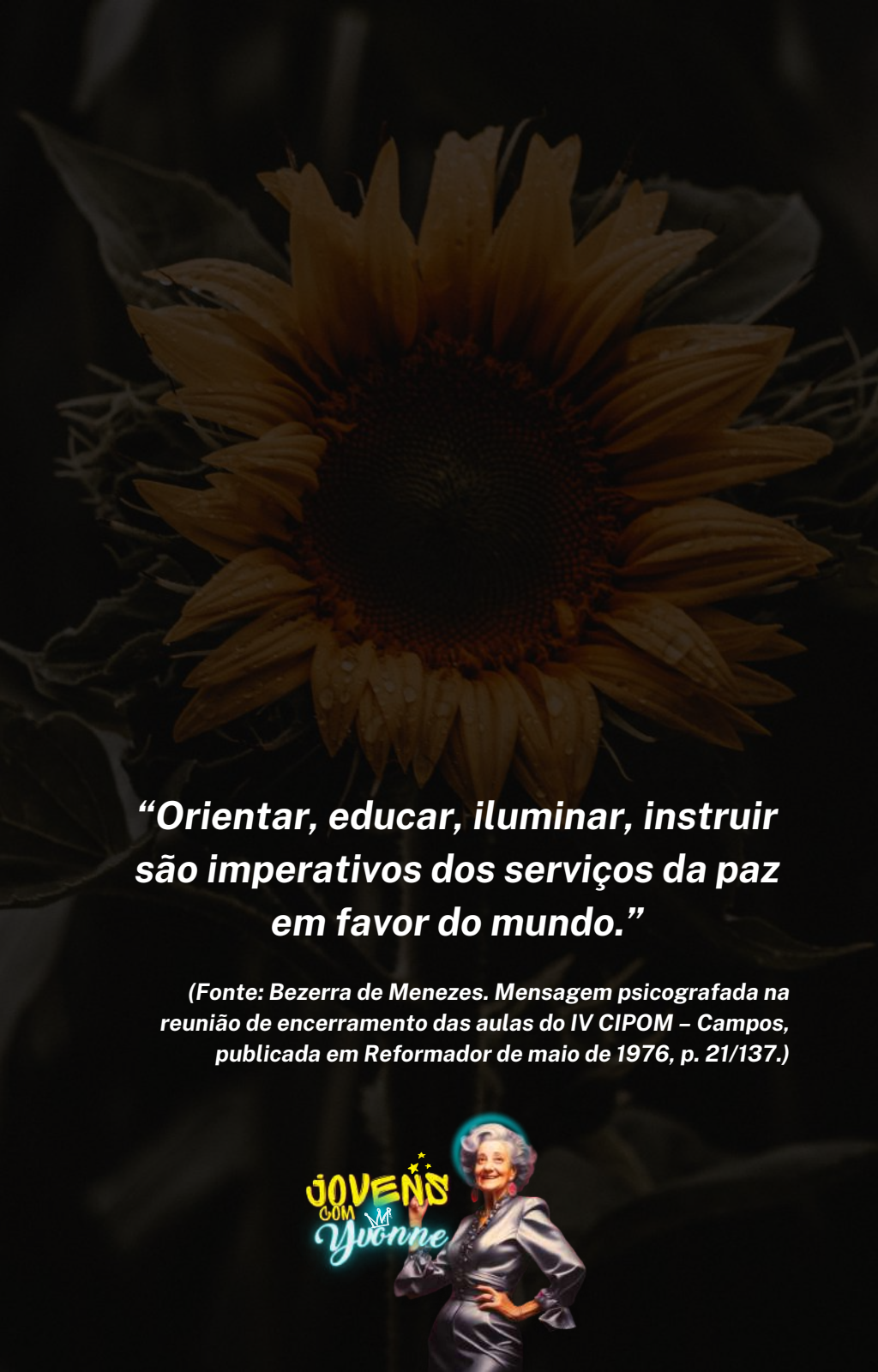
A10 - Debate junto à sociedade.

Referências bibliográficas

Moysés, Lucia. **A evangelização de portas abertas para o autismo**. Editora EME, 2022.

Miranda, Hermíno C. **Autismo**. Editora Lachâtre, 2020.

Lacerda, Lucelmo. **Intervenção ABA para autismo e deficiência intelectual** (Pós-Graduação Lato Sensu). CBI of Miami, 2018.



**“Orientar, educar, iluminar, instruir
são imperativos dos serviços da paz
em favor do mundo.”**

**(Fonte: Bezerra de Menezes. Mensagem psicografada na
reunião de encerramento das aulas do IV CIPOM – Campos,
publicada em Reformador de maio de 1976, p. 21/137.)**



SOBRE O AUTOR



**ALBERTO
MORGADO**

Psicólogo Clínico com especialização em Psiquiatria e Dependência Química e formação em Psicanálise. Atende jovens, adultos, casais, famílias, grupos, terceira idade e portadores de necessidades especiais. Atua no tratamento e reabilitação a dependência de álcool e outras drogas, bem como, atende e acompanha casos de transtornos de ansiedade, depressão, dificuldades de relacionamentos e autoconhecimento.



03

CAPACITISMOS: UMA ANÁLISE APROFUNDADA DOS MODELOS DA DEFICIÊNCIA E SEU IMPACTO NA VIDA DAS CRIANÇAS

Introdução:

A compreensão e abordagem da deficiência ao longo da história refletem as crenças, os valores e as estruturas sociais de cada época. Neste artigo, exploraremos detalhadamente os modelos da deficiência - Médico, Social e Biopsicossocial - e seu impacto na vida das crianças, destacando avanços, desafios e implicações para políticas e práticas sociais contemporâneas.

1. Modelo Médico (Século XIX - Início do Século XX):

Contexto Histórico e Fundamentação Teórica:

O Modelo Médico emergiu durante a era da Revolução Industrial, impulsionado pelo avanço das ciências médicas e da institucionalização da medicina. Defendia que a deficiência era uma patologia a ser tratada e corrigida, concebendo-a como uma anomalia individual.

Impacto na Vida das Crianças:

Segregação Institucional: Crianças com deficiência eram frequentemente internadas em instituições especializadas, afastadas de suas famílias e comunidades.

Enfoque na Normalização: O foco estava na reabilitação física e na tentativa de tornar a criança mais próxima do padrão de "normalidade" estabelecido pela sociedade.

Limitações Educacionais e

Oportunidades de Emprego: Acesso limitado à educação e ao mercado de trabalho, devido à crença na incapacidade das pessoas com deficiência de contribuir de forma produtiva para a sociedade.

2. Modelo Social da Deficiência (Década de 1970 - Presente):

Contexto Histórico e Fundamentação Teórica:

O Modelo Social surge como uma resposta aos movimentos pelos direitos civis e à crescente conscientização sobre as injustiças enfrentadas pelas pessoas com deficiência. Propõe que a deficiência é uma construção social, resultante das barreiras e discriminações presentes na sociedade.

Impacto na Vida das Crianças:

Inclusão Escolar e Comunitária: As crianças passaram a ser incluídas em escolas regulares e na comunidade, promovendo a diversidade e o respeito pela diferença.

Ênfase na Acessibilidade: Surgimento de políticas e leis para garantir a acessibilidade em diversos aspectos da vida, como transporte, infraestrutura e comunicação.

Fortalecimento dos Direitos:

Reconhecimento e promoção dos direitos das crianças com deficiência, impulsionando ações afirmativas e políticas de inclusão.



3. Modelo Biopsicossocial (Atual):

Contexto Histórico e Fundamentação Teórica:

O Modelo Biopsicossocial busca integrar as perspectivas médica e social, reconhecendo a complexidade da experiência da deficiência. Enfatiza a interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais na vida das pessoas com deficiência.

Impacto na Vida das Crianças:

Abordagem Holística: Atendimento às necessidades específicas de cada criança, considerando não apenas as limitações, mas também suas habilidades, aspirações e contexto social.

Participação Ativa: Estímulo à participação ativa das crianças na definição de seus próprios objetivos e no processo de tomada de decisões que afetam suas vidas.

Enfoque na Autonomia e Empoderamento: Promoção da autonomia e do empoderamento das crianças com deficiência, capacitando-as a exercer sua cidadania plena.

Avanços e Desafios:

Apesar dos avanços significativos proporcionados pelo Modelo Social e pelo Modelo Biopsicossocial, persistem desafios importantes, como garantir acesso igualitário à educação de

qualidade, a serviços de saúde adequados e a oportunidades de emprego e participação social para todas as crianças com deficiência.

Conclusão:

A compreensão dos diferentes modelos da deficiência e seus impactos na vida das crianças é essencial para orientar políticas e práticas sociais que promovam a inclusão, a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade. Ao adotar uma abordagem holística e centrada na pessoa, podemos construir uma sociedade mais inclusiva, onde todas as crianças, independentemente de suas capacidades, possam alcançar seu pleno potencial e contribuir para um mundo mais justo e equitativo.

Referências:

- Shakespeare, T. **Disability Rights and Wrongs Revisited**. Routledge, 2014.
- Oliver, M. **Understanding Disability: From Theory to Practice**. Macmillan International Higher Education, 1996.
- World Health Organization. **International Classification of Functioning, Disability and Health (ICF)**. Geneva: World Health Organization, 2001.

“Recordemos que o futuro também nos aguarda. Preparemo-nos, hoje, construindo o amanhã. Oremos; vibremos, trabalhando. Crianças e Jovens pedem-nos amparo e orientação. O Mundo carece de amor e paz.”

(Carlos Lomba. In: Sublime Sementeira: Evangelização Espírita Infantojuvenil, ed. FEB, 2012, p. 137 a 138.)



SOBRE A AUTORA



**GABRIELLA
MULÈ**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Avaliação Neuropsicológica pela PUC-Rio. Apresenta experiência e estudos aprofundados no tema Luto e Morte. Foi honrada com o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico entregue pela Universidade Federal Fluminense. Abriu o 1º grupo de estudos de luto voltado para alunos da área de saúde da Universidade Federal Fluminense, ao qual, ainda como graduanda, ministrou as aulas para mais de 40 alunos. Apresenta enfoque em psicoterapia com a abordagem Terapia Cognitivo-Comportamental com pacientes de todo o Brasil e atua como Neuropsicóloga com pacientes de diversas cidades do estado do Rio de Janeiro.



04

ORIENTAÇÕES SOBRE LUTO

O luto é uma reação universal, normal e esperada diante do processo de ruptura de um vínculo afetivo. Tendo em vista este fato, entende-se que o luto não está ligado apenas ao desencarne de um ente querido, uma vez que, nesta encarnação, nos vinculamos tanto com pessoas, quanto com objetos. Desta forma, as situações em que uma experiência de luto se inicia, podem ser: A partir da morte de sonhos, projetos, relacionamentos, rotina, emprego, saída dos filhos de casa, perda de um objeto, passagem da infância para a adolescência, mudanças de residência, cidade ou escola, além do desencarne de animais de estimação e de entes queridos.

O objetivo do luto nada mais é do que a oportunidade de readaptar-se mediante a perda, a partir das diversas estratégias que o indivíduo pode criar para tal. Entretanto, a forma como cada indivíduo reage ao luto dependerá, principalmente, de seu desenvolvimento cognitivo.

Logo, entende-se que a criança, que ainda está em seu desenvolvimento cognitivo e físico, reagirá de forma diferente dos demais indivíduos. O luto infantil é muito emocional. Uma criança “birrenta” ou isolada, nem sempre é uma criança mal educada, às vezes ela está apenas enlutada.

Durante a encarnação, passamos por diversos tipos de perdas, tanto por desencarne, como as perdas inerentes à vida cotidiana. A ambos podemos nomeá-los como: Morte concreta e morte simbólica, respectivamente. Não há critério para juízos de valor. Independente do tipo de morte, dói, porém são com as mortes simbólicas que encontramos os lutos não reconhecidos. A dor que a sociedade não enxerga e não legítima. Afinal, “era só um relacionamento”, não é mesmo? Negativo. O papel do acolhimento não dá a vez para medirmos na balança quem está sofrendo mais ou qual dor é digna de acolhimento ou não.

A partir das mortes simbólicas ou concretas, durante nossa vida, e o luto gerado pelas mesmas, tentaremos uma readaptação (ressignificação) mediante a ausência física daquele ser ou objeto ausente. E a vida irá nos colocar o tempo todo em situações que irão nos obrigar a nos readaptarmos.. Esta readaptação pode se dar de diversas formas, a partir das estratégias que iremos escolher e que melhor se encaixe em nosso contexto de vida atual e nossas bagagens espirituais.



Tudo isso continuará sendo o luto, portanto, ele não está ligado apenas ao sofrimento e à tristeza, mas sim no processo de elaboração e ressignificação.

O acolhimento deve se dar, antes de mais nada, ao não julgamento do sentimento do outro. Acolhimento não é aconselhamento. Utilizar-se de parâmetro para a dor do outro é deslegitimar por completo a história de vida e as experiências que este vivenciou e que moldaram sua forma de reação diante da vida e seus acontecimentos. A vastidão de reações para o luto são intermináveis e todas são condizentes com os seguintes fatores: idade, sexo, escolaridade, cultura, religião, quem morreu, como se deu a perda, qual era o vínculo que este indivíduo tinha com a pessoa que morreu (ou objeto perdido), dentro muitos outros.

Para tanto é fundamental o conhecimento aprofundado sobre o tema e o descarte de mitos disseminados sobre o mesmo, tal como: “O luto e suas fases”. Explico rapidamente: Esta teoria foi tirada de um livro chamado “Sobre a Morte e o Morrer” de Elisabeth Kubler-Ross, ao qual menciona acerca das 5 reações observadas em pacientes em estado terminal, e nunca foi atribuído ao luto. Infelizmente essa teoria é extremamente disseminada e só corrobora para uma sociedade que limita o ser humano a sentir em sua

totalidade a individualidade de seus sentimentos.

Um enlutado pode apresentar confusão, desorganização, falta de concentração, desorientação, negação, entorpecimento, raiva, culpa, alívio, depressão, irritabilidade, solidão, saudades, tristeza, desespero, ansiedade, medo, alterações no apetite, alterações no sono, boca seca, perda do interesse sexual, mudanças no funcionamento intestinal, dor de cabeça, perdas de memória, perda da fé, aumento da fé, raiva de Deus, isolamento, perda da habilidade para se relacionar socialmente, etc. O que precisamos entender é que todas essas reações são normais para um enlutado. Obviamente nem todos sentirão metade do que foi exposto, mas é importante termos em mente que é totalmente legítimo cada reação apresentada.

O luto é mais uma expressão do amor, por isso não há data de validade, nem como ‘superar’. Esqueçam a ideia de que ‘passou de 6 meses ou 1 ano’ a pessoa precisa necessariamente buscar auxílio. Isso na realidade fala mais de nós como sociedade que não sabemos lidar com os sentimentos alheios do que propriamente com o luto estar “certo ou errado”. Por isso, é importante que, dentro do Movimento Espírita, tomemos cuidado com nossas falas quando formos acolher um indivíduo enlutado.



Acolhimento não é sinônimo de aconselhamento. Não há nada de errado em chorar, reclamar ou se desesperar. Muitos se utilizam da justificativa que isto fará mal ao espírito desencarnado, mas pior ainda é o indivíduo encarnado que não encontra espaço para exteriorizar seus sentimentos, passando a omiti-los, impedindo-o de ter uma elaboração saudável de seu luto. Isto torna-se um ciclo vicioso de lutos mal elaborados e indivíduos que não encontram espaços para a legitimação de seus sentimentos. Os sentimentos são a porta de entrada para o autoconhecimento, como iremos nos conhecer uma vez que somos impedidos de sentir?

Por isso, evitem certos discursos como: “Você deve aceitar os desígnios de Deus”, “Pare de chorar, isso fará mal ao espírito do desencarnado”, “Existem pessoas que estão passando por situações piores do que a sua”, “Mas era só um cachorro, não é para tanto”, “Para de frescura”, “A morte não existe”. Ao invés disso, abrace, se faça presente, legitime os sentimentos destes indivíduos, diga “Sei que está difícil, mas saiba que estou aqui para o que precisar”.

Fato é: O luto é pedagógico. E precisamos ter atitudes que auxiliem nosso próximo a obter todas as aprendizagens necessárias diante desta experiência tão dolorosa.

**“Ide, filhos da alma, em paz, em retorno
ao vosso campo de trabalho e arai,
semeai, vigiai as plântulas, defendei-as
até que possam, como árvores frondosas
e frutíferas, albergar a sociedade
cansada, desiludida e necessitada de
paz, de pão e de amor.”**

(Fonte: Mensagem do Espírito Dr. Bezerra de Menezes quando encerramento da 8ª Reunião Ordinária do Conselho Espírita Internacional. Extraída de Reformador de abril de 2002 e publicada na obra “Bezerra de Menezes: ontem e hoje”, Ed. FEB, 2009.)



SOBRE A AUTORA



**LAURA
LINS**

Formada em Publicidade e Propaganda. Idealizadora do Mundo Jovem Espírita, Trabalhadora da Instituição Espírita Humberto de Campos (Evangelizadora Infantil, Evangelizadora da Juventude, Expositora, Passista.), Vocalista do Conjunto Som em Movimento, Trabalhadora/Colaboradora na FEB (Federação Espírita Brasileira) e da FEES (Federação Espírita do Estado de Sergipe).

A close-up photograph of a hand holding a glowing, textured orange orb. In the background, a portion of a globe is visible, showing continents and oceans. The lighting is dramatic, with the orb being the primary light source.

05

CASOS PRÁTICOS

Nosso objetivo é entender como a prática e o estudo de casos podem enriquecer nosso conhecimento e aplicabilidade dos princípios espíritas na educação e no apoio à comunidade.

Porque estudar casos?

Estudar casos é uma prática essencial em diversos campos do conhecimento, incluindo a pedagogia espírita, por várias razões:

1. Aplicação Prática da Teoria

Estudar casos permite que os participantes apliquem conceitos teóricos em situações concretas. Isso facilita a compreensão de como os princípios teóricos funcionam na prática e ajuda a internalizá-los de maneira mais eficaz.

2. Desenvolvimento de Habilidades de Resolução de Problemas

Ao analisar casos, os participantes enfrentam desafios reais e buscam soluções práticas. Isso desenvolve habilidades de resolução de problemas, pensamento crítico e tomada de decisão, essenciais para enfrentar situações complexas na vida real.

3. Contextualização dos Conceitos

Casos fornecem um contexto real para os conceitos discutidos, tornando o aprendizado mais relevante e significativo. Isso ajuda os participantes a verem a importância e a aplicabilidade dos temas abordados em suas vidas e comunidades.

4. Estimulação do Pensamento Crítico

Analisar casos exige que os participantes questionem, avaliem e interpretem informações de forma crítica. Isso promove uma mentalidade analítica e reflexiva, fundamental para o crescimento intelectual e espiritual.

5. Engajamento e Participação Ativa

Estudos de caso tornam o aprendizado mais interativo e envolvente. Participantes que se envolvem ativamente na análise de casos tendem a absorver e reter melhor o conhecimento.

6. Desenvolvimento da Empatia

Ao estudar casos que envolvem pessoas reais e suas experiências, os participantes desenvolvem empatia e compreensão. Isso é especialmente importante em temas como autismo, capacitismo e luto, onde a sensibilidade e o respeito são fundamentais.

7. Preparação para Situações Reais

A prática de analisar casos prepara os participantes para lidar com situações similares na vida real.

Eles adquirem ferramentas e estratégias que podem ser aplicadas em suas vidas pessoais e profissionais.

8. Integração de Conhecimentos Multidisciplinares

Estudar casos permite a integração de conhecimentos de diferentes áreas, proporcionando uma visão holística e interconectada dos temas. Isso é crucial na pedagogia espírita, que busca o desenvolvimento integral do ser humano.

9. Reflexão e Aprendizado Contínuo

A análise de casos promove a reflexão contínua sobre as próprias práticas e crenças. Isso é fundamental para o crescimento pessoal e espiritual, incentivando uma busca constante por aprimoramento e entendimento.

10. Validação e Ajuste de Abordagens

Estudos de caso permitem testar e validar abordagens pedagógicas e terapêuticas, ajustando-as conforme necessário para melhor atender às necessidades dos indivíduos e da comunidade.

Conclusão

Estudar casos é uma ferramenta poderosa no processo de aprendizagem, especialmente na pedagogia espírita. Ao integrar essa prática em seminários e oficinas, garantimos que o aprendizado seja profundo, relevante e transformador.

Caso 1: Pedagogia Espírita

João é um menino de 10 anos que frequenta a evangelização espírita regularmente. Ele é muito curioso e adora aprender sobre os ensinamentos espíritas, mas recentemente tem demonstrado dificuldades em entender e aceitar o conceito de reencarnação. Em uma das aulas, João questionou por que algumas pessoas nascem em condições desfavoráveis enquanto outras têm vidas cheias de privilégios. Como evangelizadores, como vocês abordariam essa questão de forma pedagógica e espírita para ajudar João a compreender e aceitar o conceito de reencarnação e justiça divina?

Pontos para debate:

- Métodos pedagógicos para explicar conceitos complexos de forma acessível.
- Uso de histórias e exemplos práticos para ilustrar o conceito de reencarnação.
- Importância da empatia e do entendimento do nível de desenvolvimento espiritual da criança.



Perguntas:

1. Como você explicaria o conceito de reencarnação para uma criança de 10 anos?
2. Que exemplos práticos ou histórias você poderia usar para ajudar João a entender a reencarnação?
3. Como abordar a questão das desigualdades de forma que João compreenda a justiça divina?
4. Quais métodos pedagógicos poderiam ser usados para facilitar a compreensão de conceitos complexos?
5. Como você avaliaria o entendimento de João sobre o assunto após suas explicações?

Caso 2: Autismo

Maria é uma adolescente de 15 anos diagnosticada com autismo. Ela e sua família começaram a frequentar a evangelização espírita recentemente. Maria tem dificuldades em se comunicar e se socializar com os outros participantes, mas demonstra interesse nas atividades, especialmente nas artes e na música. Durante as aulas, ela frequentemente se isola, o que tem preocupado os evangelizadores. Como vocês podem adaptar as atividades e o ambiente da evangelização para melhor incluir Maria, garantindo que ela se sinta acolhida e integrada?

Pontos para debate:

- Estratégias de inclusão e adaptação de atividades para pessoas com autismo.
- Comunicação e interação com Maria de maneira que respeite suas necessidades.
- Trabalho em conjunto com a família para entender melhor as particularidades de Maria.



Perguntas:

1. Quais adaptações nas atividades poderiam ajudar Maria a se sentir mais incluída?
2. Como você pode promover um ambiente acolhedor para Maria?
3. De que forma a música e as artes podem ser utilizadas para engajar Maria nas aulas?
4. Como envolver a família de Maria no processo de inclusão?
5. Quais estratégias de comunicação seriam eficazes com Maria?

Caso 3: Capacitismo

Carlos é um jovem de 18 anos que sofreu um acidente que o deixou com uma deficiência física, necessitando de uma cadeira de rodas para se locomover. Ele sempre foi ativo na evangelização espírita, mas após o acidente, tem se sentido desmotivado e excluído, mesmo que de forma não intencional, por parte de alguns colegas e evangelizadores que não sabem como lidar com a nova situação de Carlos. Como evangelizadores, o que vocês podem fazer para combater atitudes capacitistas e garantir que Carlos se sinta valorizado e incluído nas atividades da evangelização?

Pontos para debate:

- Identificação e combate de atitudes capacitistas no ambiente de evangelização.
- Modificação do espaço físico e das atividades para tornar a evangelização acessível.
- Sensibilização e educação dos participantes sobre a importância da inclusão.



Perguntas:

1. Quais mudanças no ambiente físico da evangelização poderiam ajudar Carlos?
2. Como você pode educar os outros participantes sobre a importância da inclusão?
3. Que atividades inclusivas podem ser propostas para integrar Carlos nas aulas?
4. Como abordar Carlos para entender melhor suas necessidades e sentimentos?
5. Quais são algumas atitudes capacitistas comuns que devem ser evitadas?

Caso 4: Luto

Ana é uma jovem de 16 anos que recentemente perdeu sua mãe em um acidente. Desde então, ela tem se mostrado muito triste e distante nas aulas de evangelização, muitas vezes chorando silenciosamente durante as atividades. Os evangelizadores estão preocupados com Ana e querem ajudá-la a lidar com seu luto de maneira saudável, utilizando os ensinamentos espíritas sobre a imortalidade da alma e a continuidade da vida após a morte. Como vocês podem apoiar Ana neste momento difícil, proporcionando conforto e entendimento através da doutrina espírita?

Pontos para debate:

- Abordagem sensível e empática ao falar sobre a morte e o luto.
- Utilização de ensinamentos espíritas para proporcionar conforto e esperança.
- Importância do acolhimento e do apoio emocional durante o processo de luto.



Perguntas:

1. Como você pode abordar Ana de maneira sensível sobre sua perda?
2. Que ensinamentos espíritas podem ser utilizados para confortar Ana?
3. Quais atividades ou práticas podem ajudar Ana a expressar e lidar com seu luto?
4. Como criar um ambiente de apoio para Ana dentro da evangelização?
5. Como você pode envolver o grupo para apoiar Ana sem invadir sua privacidade?

AGRADECIMENTOS

Queridos participantes,

Queremos expressar nossa profunda gratidão a todes que participaram e apoiaram nossa Capacitação para Educadores Espíritas. Foi uma jornada incrível de aprendizado, troca de experiências e crescimento coletivo.

Um agradecimento especial a nosses facilitadores que tornaram este evento possível com seu conhecimento, dedicação e amor:

- Dora Incontri pela brilhante palestra sobre Pedagogia Espírita.
- Guilherme Fraenkel e Rosemary Rocha Silva Fraenkel pela enriquecedora discussão sobre Autismo.
- Alberto Morgado por nos guiar na superação do Capacitismo.
- Gabriella Mulè por abordar com sensibilidade o tema do Luto na Infância e Juventude.
- Laura Lins pela dinâmica e oficina prática.

A todes vocês, nossa mais sincera gratidão por acreditarem no projeto e por contribuírem para o sucesso deste evento. Que possamos continuar caminhando juntas na construção de uma educação espírita mais inclusiva, acolhedora e transformadora.



DIA 1



DIA 2



DIA 3



DIA 4



NOSSA HISTÓRIA

A página "Jovens com Yvonne" foi criada com o objetivo de unir jovens em torno do estudo e prática da Doutrina Espírita. Sob a coordenação de Cauê Sanchez, trabalhamos juntas para promover o conhecimento, a reflexão e a troca de experiências espirituais.

Escolhemos Yvonne do Amaral Pereira como nossa patrona por sua dedicação incansável à mediunidade e à literatura espírita. Sua vida e obra nos inspiram a seguir com amor e compromisso na divulgação dos ensinamentos espíritas.

Com uma equipe dedicada e temas que variam desde referências geek até debates filosóficos, criamos um espaço acolhedor e inclusivo onde todos podem aprender e crescer juntos.

Junte-se a nós e faça parte dessa jornada!

Com carinho,
Equipe Jovens com Yvonne

Diagramação: Laura Lins

Revisão: Leticia Coelho



1º CAPACITAÇÃO

EDUCADORES ESPÍRITAS

Do Jovens Com Yvonne

COMPREENDENDO E ACOLHENDO O
AUTISMO, SUPERANDO O CAPACITISMO
E ORIENTANDO SOBRE O LUTO

JOVENS
COM 
Yvonne

